

Das paisagens de diversidade à construção de uma imagem de cidade. O caso do bairro da Mouraria, em Lisboa

From the diversity of landscapes to the construction of a city image. The case of Mouraria neighborhood in Lisbon

Marluci Menezes

Laboratório Nacional de Engenharia Civil (Portugal)

Palavras-chave: Paisagens culturais, imagem urbana, espaço público, cidadania.

Key words: Cultural landscapes, urban image, public space, citizenship.

A partir do estudo antropológico – desenvolvido no bairro da Mouraria, em Lisboa, onde se reflectiu sobre a articulação entre o campo de significações do bairro, os espaços e as experiências de distintos indivíduos, discute-se a tentativa de renovação de certos símbolos urbanos identitários, valores e representações, através do fomento de ideias como cidade plural, multicultural e/ou intercultural. O objectivo aqui é demonstrar que tais processos de reconstrução e reinvenção da imagem do bairro são também atravessados por contrariedades e desarmonias que importam conhecer, designadamente no âmbito da relação entre cidade e cidadania. No desenvolvimento do argumento desta reflexão, infere-se que as práticas de uso e apropriação dos espaços públicos interferem de forma decisiva no processo de construção de imagens identitárias locais que, entretanto, se inscrevem na paisagem urbana, fazendo também parte do conhecimento que se tem da cidade. Considerando que estas práticas se revelam através de alguma ‘visibilidade’, parte-se do princípio que o conhecimento dos processos de uso e apropriação do espaço, que contribuem para a construção de paisagens urbanas e culturais, pode ser importante no revelar da invisibilidade social em que se encontram muitos dos sujeitos identificados com a condição de imigrante.

Departing from an anthropological study, developed in Mouraria neighbourhood in Lisbon, which discusses the articulation between the field of significations of the neighbourhood, the spaces and the experiences of distinct individuals, it is argued the attempt of renewal of certain urban identitary symbols, values and representations, through the promotion of specific ideas such as plural, multicultural and/or intercultural city. The purpose here is to demonstrate that such processes of reconstruction and reinvention of the image of the neighborhood are also crossed by oppositions and disharmonies that matters to recognize, namely in the scope of the relation between city and citizenship. In the development of the argument of this reasoning, it is inferred that the practices of use and appropriation of the public spaces decisively intervene in the process of construction of local identitary images come into sight in the urban landscape and also make part of the knowledge of the city. Considering that these practices are disclosed through some “visibility”, we depart from the principle that the knowledge regarding the processes of space use and appropriation contribute to the construction of urban and cultural landscapes, which

MIGRAÇÕES

can be important in the disclosure of the social invisibility that can be found in many of the citizens in the immigrant condition.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho enquadra-se no campo do estudo da espacialização da cultura e da sociedade. O espaço social é aqui focalizado como um indicador central para o estudo dos processos de construção social de imagens urbanas e, como tal, é apreendido a partir das práticas sociais de uso / apropriação do espaço e da percepção dos indivíduos que os indivíduos fazem do contexto socio-espacial.

Todavia, ciente de que uma determinada organização espacial pode ter vários modelos de apropriação do espaço e diferentes maneiras de o representar e viver, e que tais experiências podem ser múltiplas e díspares (Guerra: 1987), interessa-me a ideia de que, a sociedade e a cultura podem ser compreendidas espacialmente e, como tal, essa espacialização pode ser lida como um «texto» que revela determinados aspectos ligados à organização sociocultural. Daí que, em estudo antropológico desenvolvido no bairro da Mouraria (Menezes, 2004), em Lisboa, cujo objectivo principal foi estudar as articulações existentes entre o campo de significações do bairro, os espaços e as experiências de distintos indivíduos, a análise das práticas de uso e apropriação do espaço público do bairro revelaram-se como uma importante estratégia de pesquisa. Isto é, foi fundamental no desenvolvimento de um estudo sobre a relação entre organização do espaço e organização social, nomeadamente no que se refere a uma melhor compreensão dos processos de construção de imagens identitárias locais.

Naquele estudo, realizou-se uma análise das lógicas de dualidade, ambivalência e ambiguidade que constantemente interferiam no processo de construção de imagens identitárias do bairro. Verificou-se que tais lógicas relevavam a tradição como imagem emblemática do bairro, como a multiethnicidade e/ou a multiculturalidade como símbolo local, como podiam ainda realçar a marginalidade e a segregação socio-espacial a que o bairro, ao longo da sua história, parece estar sujeito.

Tendo vindo a acompanhar algumas dinâmicas socio-espaciais da Mouraria até a actualidade, verifico que alguns pressupostos de partida para o desenvolvimento daquele estudo (Menezes, 2004), assim como alguns dos resultados analíticos,

entretanto obtidos, mantêm a sua pertinência. Isto porque, num sentido mais específico, a análise efectuada contribui para um melhor entendimento daquela realidade social e urbana. Numa óptica mais geral, porque contribui, por um lado, para o entendimento de alguns dos processos socio-espaciais subjacentes à inscrição do bairro no mapa social da cidade, auxiliando na compreensão sobre como se constrói uma certa ideia de cidade. Enquanto, por outro lado, contribui para a compreensão e discussão sobre como a associação da diversidade cultural à uma dada imagem identitária de cunho territorial, pode ocultar questões mais difíceis de lidar como é o caso da diferença e da desigualdade (Reeves, 2005; Menezes, 2010).

De modo que, tomando como cenário de reflexão o bairro da Mouraria em Lisboa, discute-se a tentativa de renovação de certos símbolos urbanos identitários, valores e representações, através do fomento de ideias como cidade plural, multicultural e/ou intercultural. O objectivo aqui é demonstrar que tais processos de reconstrução e reinvenção da imagem do bairro são também atravessados por contrariedades e desarmonias que importam conhecer, designadamente no âmbito da relação entre cidade e cidadania.

No desenvolvimento do argumento desta reflexão, infere-se que as práticas de uso e apropriação dos espaços públicos interferem de forma decisiva no processo de construção de imagens identitárias locais que, entretanto, se inscrevem na paisagem urbana, fazendo também parte do conhecimento que se tem da cidade. Considerando que estas práticas se revelam através de alguma ‘visibilidade’, parte-se do princípio que o conhecimento dos processos de uso e apropriação do espaço, que contribuem para a construção de paisagens urbanas e culturais, pode ser importante no revelar da invisibilidade social em que se encontram muitos dos sujeitos identificados com a condição de imigrante.

2. A INVENÇÃO DO BAIRRO DA MOURARIA

Na sua origem, a Mouraria está associada ao «arrabalde» para os «mouros vencidos», que não saíram de Lisboa quando da Reconquista Cristã da cidade. O «arrabalde da

mouraria» foi, assim, formalmente inventado através de um foral datado de 1170, como um espaço segregado com fronteiras precisas e materialmente reconhecíveis. Estes limites seriam, contudo, transpostos (sobretudo a partir do séc. XIV) e a Mouraria – em decorrência da intensa actividade comercial que ali se desenvolvia, atraindo gente de todo o lado, entre os quais muitos cristãos – se alongou pelas áreas circundantes. Mas, ainda assim, o bairro continuou fora das muralhas da cidade, constituindo-se como contexto espacial e social segregado que, mesmo após a expansão da cidade, a urbanização dos campos e o derrube das muralhas da cidade (Cerca Fernandina), contribuiu para a elaboração de um complexo processo de estigmatização territorial.

Todavia, a Mouraria também se constituiu, socialmente falando, como um bairro com «tradições», para além de assumir-se como um dos bairros «populares» de Lisboa (assim como os bairros de Alfama, Madragoa, Bica, Bairro Alto). Esta sua origem perde-se (ou encontra-se) no meio de uma complexa rede de elementos culturais, sociais, históricos, urbanos e rurais, sonhos, mitos e representações, associados à dinâmica de recomposição e reconfiguração urbana da cidade, sobretudo, protagonizadas pelas vagas migratórias de finais do século XIX. Tais dinâmicas, de certo modo, viabilizaram o que mais tarde veio a ser considerado como «tradições populares»¹. Um característica que, ainda hoje, singulariza e diferencia esses bairros «populares» de outros lugares da cidade, sendo uma herança cultural e vivencial que continua a *“afirmar-se através de sistemas culturais locais (...) como se tivessem incorporado uma cultura local com traços de continuidade com o passado”* (Cordeiro: 1995: 163, 164). Esta complexa rede de invenção e de inventores também se repercute na forma como o bairro presentemente se inscreve no espaço da cidade. Mas aqui os

¹ Considerando a ideia de tradição como *“um conjunto de orientações valorativas consagradas pelo passado”* (Oliven: 1992: 21), entretanto quotidianamente inventado (Hobsbawn e Ranger: 1996), é evocativo descobrir como operam estas construções sociais que relacionam as tradições às identidades sociais e espaciais. Oliven reflecte sobre a relação entre «nação» e «tradição», mas ao transpormos a sua análise para a ligação entre «bairro» e «tradição», é recorrente observar, como nos fala o autor, que ambos “são recortes da realidade, categorias para classificar pessoas e espaços e, por conseguinte, formas de demarcar fronteiras e estabelecer limites. Eles funcionam como pontos de referência básicos em torno dos quais se aglutinam identidades. Identidades são construções sociais formuladas a partir de diferenças reais ou inventadas que operam como sinais diacríticos, isto é, sinais que conferem uma marca de distinção” (Oliven, 1992: 26).

seus limites e fronteiras não são materializados, sendo maleáveis e flexíveis, esboçados como uma espécie de jogo de relações e complementaridades entre passado e presente, poder e contra-poder, indivíduos, cidade e o centro (ou os centros) do próprio bairro.

A Mouraria tem, assim, sido lembrada como um bairro «mafioso», contado a partir das suas ruas estreitas e tortuosas, do seu casario característico, da boémia, da sina fadista e triste, da sua gente pobre e miserável, da Severa – mítica cantora de fado –, dos jogos, da criançada nas ruas, uma espécie de «primo pobre»² dos outros bairros típicos da cidade. Imagens de um lado mais público e visível do bairro, que prevaleceram em alguns dos textos que evocaram a Mouraria na primeira metade do século XX e que, de algum modo, inclusivamente, justificaram a promoção de um «urbanismo civilizador» que se reflectiu na sua destruição conforme a política urbana do Estado Novo. De modo que, entre os anos 30 e 60 do século XX, o bairro foi um dos principais focos de uma política urbana que se inspirava numa perspectiva de «higienização» e «embelezamento» que pretendia renovar (reinventar) o bairro numa óptica de modernização, o que viria a realizar-se de modo a alterar significativamente as dinâmicas sociais, culturais e urbanas locais. Uma tentativa de «limpeza» social de um bairro tido como «insalubre» e mal «afamado» e que quase destruiu o bairro por inteiro, muito embora alguns dos elementos que ali tinham alimentado muitas lendas, casos e enredos narrativos e populares (por exemplo, *prostitutas, rufias, chulos e tascas*) tenham, na verdade, sido impelidos para a periferia de uma zona mais alargada do núcleo central da Mouraria. E, nos espaços sociais deixados vagos por uma Mouraria de «boémia» decadente, logo apareceria a nova face da «liminaridade» urbana: sem-abrigo, traficantes, consumidores de droga e imigrantes.

Destaca-se aqui a alteração da realidade social e urbana do bairro com a presença, desde de 1990, de imigrantes, muitos dos quais associados ao comércio de revenda que se instalou nessa zona da cidade. Essa nova realidade contribuiu para a configuração de uma nova imagem do bairro que, para além de se tornar uma área identificada com o

² Em diversas e variadas conversas com distintos indivíduos observei que o bairro da Mouraria era referido, muitas vezes, como o «primo pobre» dos outros bairros tradicionais e populares da cidade, enquanto Alfama era referida como a «menina dos olhos».

comércio de revenda e «étnico», não perderá a sua conotação de espaço liminar, por se tornar um lugar de pessoas, práticas, músicas, artefactos, roupas e comidas «diferentes», que primam pelo «exotismo» cultural³.

Salienta-se ainda que, face à degradação do parque edificado local, em muitos casos em risco de ruína eminente ou consumada, situação ainda mais agravada pela precariedade socio-económica local e pela dificuldade de implantação de actividades que permitam a dinamização económica e cultural da área, o bairro é desde 1985, social e urbanisticamente, endógena e exógenamente, constituído como «objecto de reabilitação urbana» (Costa: 1999; Costa e Ribeiro: 1989). Pelo que o processo de reabilitação urbana irá contribuir para a reconstrução social da realidade simbólica e da imagem urbana do bairro e, no decurso das acções implementadas, tal terá implicações na definição de novas fronteiras socio-espaciais e na invenção de uma imagem «patrimonial» e «histórica» que, inclusivamente, terá repercussões na própria invenção das «tradições» do bairro⁴. Notando-se aqui, que no processo de reapropriação do património urbano, o espaço público é reinventado de modo a serem criados cenários e imagens do que é tradicional e típico, ou como referiu Bourdin (1984), criando novas maneiras de pensar e representar o espaço. No ímpeto das revitalizações, uma nova imagem vai sendo construída e inventada: a tradição multicultural.

³ As expressões «comércio étnico» e práticas «diferentes» foram recolhidas durante o trabalho de campo, sendo essas usadas pelos moradores do bairro, pelos técnicos de intervenção socio-urbanística como também aparecem em referências exógenas ao bairro.

⁴ Acerca do bairro de Alfama em Lisboa, Costa (1999: 33-34) desenvolve uma interessante discussão sobre a relação entre a «invenção da tradição» e a «invenção do património».

Quadro 1 – As imagens contraditórias do bairro da Mouraria

Das metáforas às imagens identitárias do bairro ...

Tradição e Má Fama	Complicado / Contraditório	Multiculturalidade/ Multiétnicidade
Vício	Insalubridade	Lenda de Martim
Miséria	Falta de civilização	Moniz
Ruas sangrentas	Crime	Centro Comercial
Prostituição	Desordem pública	Mistura social
Severa	Marginal	Convívio multiétnico
Fado	Ilegalidades	«Mundo português»
Fadista	Gueto	Espaço plural
Bairrismo	Vale dos vencidos	Outros
Antigo	Texas / Casal Ventoso / Bronx	Cosmopolita
Festas populares	Insegurança	Outra geografia
Marcha	Prostituição	Fragrâncias e Odores
Procissão	Sem-abrigo	Cores
Pitoresco (ruas e edifícios) ...	Toxicodependentes / Traficantes	Paladares ...
	Degradação do parque edificado	
	Precariedade social	
	Sujidade ...	

No processo de consolidação e reconfiguração das imagens identitárias, verifica-se que a par da continuidade de determinados traços que são utilizados para caracterizar a Mouraria, outros vão sendo indexados ao campo das significações imaginárias do bairro. A diversidade sociocultural local é, assim, mais uma das imagens do bairro, entretanto reflectida enquanto identidade multicultural. Mas a mesma não é alheia às questões da diferença e desigualdade social.

Na actualidade, se encontra na Mouraria a vivência de rua, as roupas estendidas nas janelas e pátios, as crianças a brincar, os edifícios históricos e degradados, as conversas à soleira da porta ou à janela, os homens a conversar nas esquinas, largos e travessas, as sardinhas a assar em braseiros colocados na rua, a procissão, os arraiais dos Santos Populares e a marcha popular. Muitos dos seus moradores ali nasceram, outros são oriundos das várias freguesias de Lisboa, outros ainda são migrantes ou seus descendentes. Ali se forjou uma cultura popular urbana que, juntamente com os outros

bairros de Lisboa, seria cantada e contada como um valor representativo da cidade. Mas essa Mouraria é também uma soma de territórios sobrepostos e dinâmicas que, para além de conjugarem as características mais tradicionais da sua população e mesmo do seu espaço físico, lida com novos e outros estilos de vida que não se explicam somente pela *gentrification*, nem pela heterogeneidade das classes populares, mas também por fenómenos de cariz étnico-cultural. Nas extremidades do núcleo do bairro encontram-se a estação do metro, lojas de bijutarias e quinquilharias, armazéns e algumas actividades e indivíduos em situações liminares. Dois centros comerciais com características singulares ali se instalaram. Os espaços públicos e semi-públicos são usualmente interceptados por transeuntes relacionados com o comércio. Uma praça tornou-se ponto de encontro de africanos, indianos, chineses, brasileiros, entre outros, alguns dos quais turistas. Um mundo em que o fado, as severas e os marialvas, as tascas, as peixeiras, os operários, os migrantes, os desempregados e os reformados coexistem com as lojas e mercearias chinesas, os cabeleireiros luso-africanos, os bazares indianos, a *Associação Comercial China Town*, os toxicodependentes, os sem-abrigo, etc. Observam-se, assim, muitas similaridades como contrastes com outros bairros tidos como «tradicionais» e «populares» da cidade, tais como a Madragoa, a Bica ou Alfama.

As condicionantes históricas, socioculturais e urbanas contribuem para que o lado público e mais visível da Mouraria reflectam-se numa espécie de jogo de espelhos que reproduz imagens que transitam entre a ideia de «tradicional», «típico», «popular», «multicultural», «multiétnico», como em «Texas» e até «Bronx»! Daí que, em pleno século XXI, os espaços públicos do bairro são, de facto, ponto de encontro de diferentes etnias e essa visibilidade não passa despercebida aos olhos de um qualquer transeunte ou dos fazedores de imagens da cidade. Todavia, a procissão continua a atravessar as ruas do bairro e da cidade, enquanto os arraiais populares, juntamente com a marcha popular, perduram ciclicamente retornando de modo a englobar os espaços da casa, rua, bairro e cidade num só; as relações de vizinhança são intensas; a prostituição continua; os delitos acontecem; os sem-abrigo subsistem; a toxicodependência e o tráfico de droga são reais; a ilegalidade e a marginalidade existem; a informalidade existe; as casas caem

e incendeiam-se; e tais características estimulam a invenção de metáforas urbanas que também são fazedoras de imagens – endógenas e exógenas – do bairro.

A «policromia exuberante» e «agitadora» (Sequeira: 1929) do espaço público da Mouraria é uma das facetas mais visíveis do seu quotidiano, estimulando a criação de metáforas urbanas que contribuem para a invenção de determinadas imagens do bairro que podem evocá-lo como contexto «característico», «tradicional», «típico», «popular» ou como sendo uma «aldeia»⁵, ou ainda como «histórico»⁶. Mas também podem denotar o espaço como sendo «multiétnico» ou «multicultural», que está «descaracterizado» ou que é um espaço repleto de liminaridades, desse modo reforçando os processos de «estigmatização» e «segregação» territorial.

3. CAPTANDO PRÁTICAS DE USO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

Para captar como a vivência do espaço público urbano interfere no campo das significações imaginárias do bairro, as diferenciadas formas de uso e apropriação do espaço foram descritas a partir das categorias «pedaço», «mancha», «trajecto» e «circuito» (Magnani, 1998; 2000; 2000a).

Para Magnani (1998: 115), o termo «pedaço» é constituído por dois elementos referenciais: “uma componente de ordem espacial, a que corresponde uma determinada rede de relações sociais”. A componente espacial demarca um território a partir de

⁵ Como observou Cordeiro (1994: 76), “a criação explícita dos «bairros» e a tipificação de alguns deles, permitindo pensar uma grande cidade como um conjunto de pequenas aldeias, constitui uma imagem de tal forma eficaz do ponto de vista simbólico que ainda hoje é frequentemente reproduzida.”

⁶ Bourdin (1984: 30, 31), ao reflectir sobre a ligação entre as palavras e as imagens utilizadas no âmbito da intervenção e da reflexão sobre o património urbano, considerou que aos conjuntos históricos e antigos que são os «velhos bairros», se encontram associados três adjectivos que conotam de forma diferenciada esses locais, onde: «velho» remete para a ideia de degradação, inadaptação e insalubridade, mas também evoca a ideia de um passado a respeitar; «histórico» possui um maior valor semântico, sendo o bairro visto como um quadro de vida harmoniosa e referência do passado, como um símbolo da própria história; «antigo» é um adjectivo mais neutro, contudo, é mais positivo que a ideia de «velho», subentendendo a existência de um possível valor histórico. De acordo com o autor, esses três adjectivos encontram-se associados à duas dimensões da historicidade: os símbolos sociais e a história pessoal.

certos pontos referenciais que servem como fronteiras como, por exemplo, o telefone público, a padaria, o café, etc., sendo que tais pontos para além de se constituírem como locais de encontro, também são locais de passagem. No entanto, ser do «pedaço» implica fazer parte de uma determinada rede de relações, não bastando somente frequentá-lo, sendo essa segunda característica ordenada por um conjunto de códigos que permitem ordenar, separar e classificar quem é e quem não é do «pedaço». Entretanto, a participação no «pedaço» não se dá aleatoriamente, sendo ordenada a partir de determinadas práticas que permitem distinguir os pontos e as formas de entretenimento como, por exemplo, é o caso das práticas masculinas por oposição às femininas, dos jovens por oposição aos adultos, dos rapazes por oposição às raparigas, etc.; ou ainda a partir dos eixos «em casa» e «fora de casa», subdividindo-se essa última em «no pedaço» e «fora do pedaço».

Contudo, tais inferências foram primeiramente discutidas pelo autor no âmbito de uma pesquisa realizada sobre formas de cultura popular e as modalidades de lazer dos trabalhadores de bairros da periferia de São Paulo. Isto é, Magnani (1998) recorreu a noção nativa de «pedaço» para, assim, descrever uma forma específica de sociabilidade e apropriação do espaço. Mas, interessado em perceber o que se passava relativamente as formas de lazer e as sociabilidades na região central de São Paulo, o autor (2000, 2000a) constatou que a categoria «pedaço» era-lhe útil para explicar e demarcar as distintas situações em que o espaço era apropriado por indivíduos / grupos ligados à uma determinada rede de relações. Muito embora tenha verificado que, enquanto na lógica de bairro e de vizinhança havia o conhecimento mútuo entre os seus frequentadores, criando vínculos ditados pelo quotidiano da vida de um bairro; nos distintos «pedaços» da região central da cidade, não era necessário o reconhecimento mútuo entre os seus frequentadores para que um «pedaço» fosse constituído. Isto é, nesses casos, o reconhecimento dava-se pela partilha que os frequentadores do «pedaço» faziam de um determinado conjunto de símbolos directamente relacionados com gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida com alguma semelhança. Segundo o autor, ainda que tais «pedaços» se constituam em espaços

públicos e de livre acesso, encontrando-se impregnados por símbolos, o território é demarcado por «marcas exclusivas» e, assim, deixa de ser um espaço ambíguo.

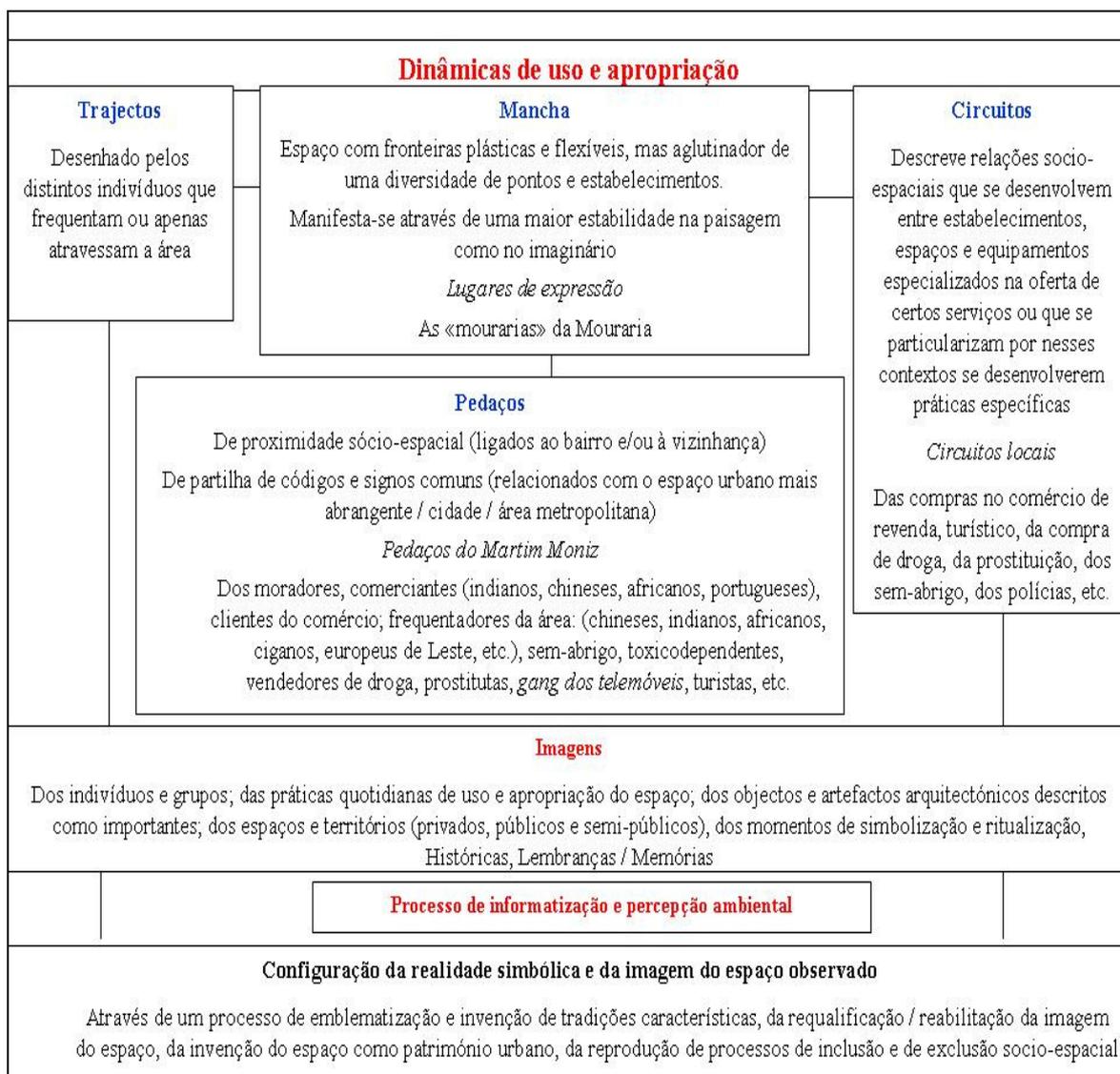
Ainda de acordo com Magnani (2000, 2000a), entre as esferas privada e pública do espaço, existem gradações de usos e apropriações que se expressam por inumeráveis combinações intermediárias, onde as ligações são feitas através de «trajectos» que, inclusivamente, abrem passagens para espaços não conquistados. Portanto, o «trajecto» permite ligar pontos no interior de uma «mancha», como permite a abertura dos «pedaços» e das «manchas» a outros pontos do espaço urbano e, nesse sentido, a outras lógicas. Entretanto, os «trajectos» são passagens, não pertencendo aos «pedaços» nem às «manchas», definindo-se como os «vazios fronteiros» que dão lugar aos espaços liminares. Apesar de que, os «trajectos» não se constituem aleatoriamente, denotando preferências e exclusões (Torres: 2000: 73). De outro lado, Magnani (obs. cit.) ainda utilizou a categoria «circuito» para descrever a relação entre estabelecimentos, espaços e equipamentos que se especializaram na oferta de um determinado serviço ou se caracterizam por práticas específicas. Mas, os «circuitos» não se definem pela contiguidade na paisagem urbana, sendo o seu reconhecimento restrito aos seus usuários, por exemplo, o circuito homossexual, dos cineclubes, etc.

A categoria «mancha» é utilizada por Magnani (2000, 2000a) para designar os lugares que funcionam como pontos de referência para um número diversificado de frequentadores. Como exemplo, o autor cita o bairro do Bexiga em São Paulo, observando que nele coexistem vários «Bexigas». Nesse sentido, o que diferencia o «pedaço» da «mancha» é que, enquanto o primeiro termo é definido por uma rede de relações em que se verifica a manipulação de símbolos e códigos comuns, sendo porquanto um espaço restrito, que tanto viabiliza a alternância para um outro ponto como um «pedaço» pode ser levado junto para um outro local; o segundo termo aglutina uma diversidade de pontos e estabelecimentos, denotando uma maior estabilidade na paisagem como no imaginário. Contudo, o autor ainda observa que a cidade não se constrói como pontos, «pedaços» ou «manchas» excludentes, havendo circulação das pessoas por entre as distintas alternativas existentes, de modo que, o «trajecto» seria a

categoria que serve para explicar os fluxos no espaço urbano que permitem a ligação entre os vários pontos.

As categorias «pedaço», «mancha», «trajecto» e «circuito», foram ainda descritas e analisadas a partir da ideia de que, as microgeografias quotidianas de uso e apropriação do espaço, se definem por uma relação entre indivíduos, práticas, espaço e tempo. Isto é, aqui também interessou compreender o ritmo de determinadas actividades humanas e a sua respectiva distribuição no tempo (Barker et Shoggen, 1973; Wicker: 1979; Rapoport: 1980; Low: 2000, 2000a). Neste sentido, foi possível observar que o ritmo quotidiano do bairro e de toda aquela zona está intimamente associado às cadências ditadas pelo horário de funcionamento do comércio. E que, nas situações extraordinárias, tal situação é temporariamente invertida e apropriada pela relação casa, rua e bairro, tendo por contexto englobador a cidade.

Figura 1 – Práticas e imagens identitárias na Mouraria



Os elementos, metáforas e dinâmicas que contribuem para a construção de imagens identitárias do bairro, tanto podem inventá-lo como um lugar representativo de uma Lisboa típica e popular, patrimonial e histórica, ao mesmo tempo que denotam variantes que permitem relacioná-lo com a ideia de multiculturalidade, bem como marginalidade e conflitualidade. Tais imagens encontram-se intimamente associadas à visibilidade das práticas de uso e apropriação do espaço e à respectiva interpretação que os indivíduos fazem de tais práticas ao longo do tempo. Nesse sentido, procurando articular sincronia

e diacronia, a descrição densa das microgeografias quotidianas de uso e apropriação dos espaços públicos do bairro foi importante para melhor compreender algumas das dinâmicas socio-espaciais locais, permitindo ainda identificar determinados símbolos que contribuem para a construção de imagens identitárias do bairro.

Tais microgeografias quotidianas de uso e apropriação dos espaços públicos se inscrevem no mapa social da cidade construindo paisagens, repercutindo-se nas imagens que são construídas do bairro e, nesse sentido, fazem parte do conhecimento que se tem da Mouraria como da cidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O drama de uma imagem que transita entre a ideia de que o bairro é típico ou de que já não tem características, ou de que é um bairro histórico, multiétnico, multicultural ou de que é um contexto liminar parece, entre outros aspectos, estar ligado à visibilidade das práticas de uso e apropriação dos espaços públicos e à interpretação que os indivíduos fazem de tais dinâmicas ao longo do tempo – quotidiano e fora do quotidiano –, assim como ao longo do tempo histórico.

As metáforas e as imagens que elas reflectem do bairro, indiciam diversidade, heterogeneidade e complexidade o que, como referiu Márcia Fantin (2000: 29), “associadas à linguagem da arte, evocam sentidos, “cidade polifônica”, mas também evocam práticas. Pelo que, interessa aqui reter um aspecto: a repercussão social, cultural, simbólica e urbana das práticas que se desenvolvem no espaço público na criação de atmosferas que impulsionam a invenção de determinadas imagens da Mouraria e de certas metáforas urbanas que, numa perspectiva mais ampla, também fazem parte do conhecimento que se tem da cidade (Crouch: 1998). Nesse sentido, é importante observar que as intersecções entre o campo das significações imaginárias do bairro e a interligação com a sua história, morfologia física e as práticas socioculturais e espaciais dos distintos indivíduos que vivem e frequentam o bairro, ressaltam a íntima articulação entre a experiência dos diferentes actores sociais, os símbolos, os valores sociais e as imagens (Richardson: 1980).

Assumir a diversidade e/ou a multiculturalidade como imagens determinantes do bairro, não necessariamente minimiza os problemas associados à liminaridade, segregação e exclusão socio-espaciais a que o bairro e as suas gentes também tido sido associados. Neste sentido, defende-se a ideia de que a diversidade deve considerar questões como a diferença e a desigualdade (Reeves, 2005; Menezes, 2010), nomeadamente no âmbito de processos que de facto contribuam para a construção da cidadania. Daí que, mais do que enfatizar a oposição entre lógicas hegemónicas e não-hegemónicas, interessa que as posições de determinadas categorias sociais ou itens socioculturais, ou ainda os significados de certas concepções ou práticas, devam ser abordados a partir de uma perspectiva que permita aproximar e relativizar, ao invés de uma que absolutize as oposições e contradições.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARKER, R.; SHOGGEN, P. (1973) – *Qualities of Community Life*; Jossey – Bass Publishers, London.
- BOURDIN, Alain (1984) – *Le Patrimoine Réinventé*; PUF, Paris.
- CORDEIRO, Graça Índias (1995) – *Um Bairro no Coração da Cidade – Um Estudo Antropológico sobre a Construção Social de um Bairro Típico de Lisboa*; ISCTE, Lisboa (tese de doutorado).
- COSTA, A. Firmino da (1999) – *Sociedade de Bairro*; Celta Editora, Oeiras.
- COSTA, A. Firmino da, RIBEIRO, Manuel João (1989) – “A construção social de um objecto de reabilitação”; in *Sociedade e Território*; n.ºs 10-11, pp. 85-95.
- CROUCH, David (1998) – “The street in the making of popular geographical knowledge”; in FYFE, Nicholas R. (ed.), *Images of the Street – Planning, Identity and Control in Public Space*; Routledge, London and New York, pp. 160-175.
- FANTIN, Márcia (2000) – *Cidade Dividida – Dilemas e Disputas Simbólicas em Florianópolis*; Editora Cidade Futura, Florianópolis.
- GUERRA, Isabel (1987) – “A espacialização da vida social”; in *Povos e Cultura*, n.º 2, Lisboa, pp. 171-191.
- HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (ed.) (1996) – *The Invention of Tradition*; 12ª ed., Cambridge, University Press.
- LOW, Setha M. (2000) – *On the Plaza – The Politics of Public Space and Culture*; University of Texas Press, Austin.
- LOW, Setha M. (2000^a) – “Cultura in the modern city: the microgeographies of gender, class, and generation in the Costa Rican plaza”; in *Horizontes Antropológicos*; n.º 13, Ano 6, Porto Alegre, pp. 31-64.
- MAGNANI, José G. Cantor (1998) – *Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade*; 2ª ed., Editora HUCITEC, São Paulo.
- MAGNANI, José G. Cantor (2000) – “Rua, símbolo e suporte da experiência urbana”; in <http://www.aguaforte.com/antropologia/Rua.htm>.
- MAGNANI, José G. Cantor (2000^a) – “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”; in MAGNANI, José G. Cantor, TORRES, Lilian de Lucca (org.), *Na Metrópole – Textos de Antropologia Urbana*; 2ª ed., EDUSP, São Paulo, pp. 12-53.
- MENEZES, Marlucci (2010) – Pensar o direito à cidade através do planejar com a diversidade *Actas del XI Coloquio Internacional de Geocrítica*, Univ. de Buenos Aires, Maio de 2010 (in

MIGRAÇÕES

http://www.filo.uba.ar/contenidos/investigacion/institutos/geo/geocritica2010/228_ME_NEZES_ok.htm).

- MENEZES, Marluci. (2004) – *Mouraria, retalhos de um imaginário: significados urbanos de um bairro de Lisboa*. Celta Editora: Oeiras.
- OLIVEN, George Ruben (1992) – *A Parte e o Todo: a Diversidade Cultural no Brasil-Nação*; Vozes, Petrópolis.
- RAPOPORT, Amos (1980) – “Cross-cultural aspects of environmental design”; in ALTMAN, I., RAPOPORT, A., WOLHWILL; Amos Rapoport, *Human Behavior and Environment*; vol. 4, ed. I., Plenum, New York, pp. 7-46.
- Reeves, Dory (2005) – *Planning for Diversity - Policy and Planning in a World of Difference*. London: Routledge.
- RICHARDSON, Miles (1980) – “Culture and the urban stage: the nexus of setting, behavior, and image in urban places”; in ALTMAN, I., RAPOPORT, A., WOLHWILL; Amos Rapoport, *Human Behavior and Environment*; vol. 4, ed. I., Plenum, New York, pp. 290-242.
- SEQUEIRA, G. Matos (1929) – “Os bairros antigos e a comédia das ruas”; in *Portugal – Lisboa*; Exposição Portuguesa em Sevilha, CML, Lisboa.
- TORRES, Lilian de Lucca (2000) – “Programa de paulista: lazer no Bexiga e na Avenida Paulista com a Rua da Consolação”; in MAGNANI, José G. Cantor, TORRES, Lilian de Lucca (org.), *Na Metrópole – Textos de Antropologia Urbana*; 2ª ed., EDUSP, São Paulo, pp. 54-87.
- WICKER, A. (1979) – *An Introduction to Ecological Psychology*; Brooks/Cole Pub., San Francisco.